

A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais

edméa santos

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ; Professora do ProPED/UERJ; Líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura
edmeabaiana@gmail.com

UERJ

aline weber

UERJ

Mestre em Educação pela UERJ/ProPED;
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa
Docência e Cibercultura
alinewebersop@gmail.com

RESUMO

Com a intensificação dos usos do digital em rede e dos dispositivos móveis, apresentamos neste artigo a criação de atos de currículo a partir das noções de mobilidade e espaços intersticiais (Santaella, 2010), trazendo as tecnologias móveis como interfaces desses espaços constituídos pela ubiquidade e conectividade. Compreendemos a mobilidade e o uso dos dispositivos móveis, via digital em rede, como formas de potencializar a educação, na medida em que não saímos dos espaços físicos para entrar em contato com os ambientes digitais. Discutimos, a partir do referencial de Santos (2005), possibilidades de práticas pedagógicas para uma aprendizagem ubíqua, fazendo dialogar os *espaçotempos* da universidade/cidade/ciberespaço, dentro do contexto da disciplina Didática, de uma turma de graduação em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade. Espaços Intersticiais. Atos de Currículo.

1. O cenário contemporâneo

Nosso cenário sociotécnico é constituído essencialmente hoje pela emergência do ciberespaço, meio de comunicação surgido a partir da conexão mundial dos computadores (LÉVY, 2005), visto este como uma dimensão da sociedade em rede onde fluxos de informações (CASTELLS, 2010) delineiam novas formas de relações: econômicas, sociais, profissionais, políticas, trazendo novos contornos à sociedade.

A cultura contemporânea mediada pelo digital em rede, cibercultura, traduz formas de se estar no ciberespaço e nas cidades com suas técnicas, práticas, atitudes, navegações, mas principalmente com tudo aquilo que é do humano: valores e crenças. As expressões na Internet são expressões de nós mesmos, com todas as contradições presentes em nossa realidade. As tecnologias digitais em rede não são atores autônomos, separados da sociedade e da cultura na qual estamos imersos, o ser humano não pode estar separado de seu ambiente material, por meio do qual atribui sentidos à sua vida cotidiana.

Segundo Santaella (2009), a Internet hoje funciona por meio das conexões e comunicações que se estabelecem em rede, e é nessa rede que novas relações se dão a cada momento. É nessa lógica, de comunicação plural, potencializada pelas novas tecnologias digitais em rede, que diferentes formas de organização do pensamento se estabelecem, definindo

posturas e interações próprias de uma realidade outra, propiciada pela reconfiguração dos espaços a partir do que Santaella (2010, p.99) denomina como “espaços intersticiais, ou seja, misturas inextricáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pelas mídias móveis”.

Os espaços intersticiais, assim designados por Santaella (2010), também são chamados por Souza e Silva (2006) de espaços híbridos, combinando físico e digital, criando ambientes em que possamos estar conectados por meio de dispositivos móveis, carregando conosco a Internet, por esse motivo não conseguimos perceber os espaços físicos e espaços digitais como espaços desconexos, não havendo mais a sensação de entrarmos na Internet, é como se estivéssemos imersos nela.

Compreendemos então que a cultura contemporânea vem impulsionando o surgimento de novas possibilidades educacionais a partir das tecnologias digitais em rede associadas aos usos dos dispositivos móveis, provocando mudanças em

relação ao paradigma de *aprendizagemensino*¹. Essas possibilidades educacionais se fazem sentir tanto na modalidade presencial física quanto na modalidade *online*. Desenvolver práticas educativas associadas às tecnologias digitais em rede é um desafio que se coloca, uma vez que ter acesso a essas tecnologias não é suficiente, é preciso saber como usá-las para promover situações de *aprendizagemensino*.

É no contexto da atual fase da cibercultura, “caracterizada pela emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades” (SANTOS, 2012), que pretendemos discutir algumas experiências vivenciadas na interface universidade/cidade/ciberespaço, dentro do contexto da nossa pesquisa, pelos alunos de didática², na graduação em pedagogia da Universidade do Estado do Rio de

¹ Utilizaremos a expressão *aprendizagemensino*, a partir do referencial teórico de Alves, numa tentativa de superar as dicotomias instituídas pela ciência moderna.

² <http://docenciaonline.pro.br/moodle/course/view.php?id=54>. Este é o ambiente online da disciplina didática, do curso de pedagogia da UERJ, coordenado pela Prof. Dra. Edméa Oliveira dos Santos. O objetivo do ambiente é ampliar os *espaçostempos* de criação do saber para além dos muros da universidade.

Janeiro, levando em consideração as implicações desses novos processos comunicacionais na criação de práticas pedagógicas.

2. O desenvolvimento da Pesquisa

O CidadeEduca UERJ constituiu-se como uma pesquisa-formação, junto aos estudantes/praticantes culturais³ de Didática, do quarto período do curso de Pedagogia da UERJ, disciplina lecionada pela Professora Dra. Edméa dos Santos, partindo da abordagem multirreferencial como pressuposto para o processo *aprendizagemensino*⁴, dada

³ Ao referirmo-nos aos estudantes, usaremos a expressão *praticantes culturais* na medida em que compreendemos que a expressão *estudantes* restringe a participação e implicação com a pesquisa, no sentido de que tudo foi criado colaborativamente, não pesquisamos sobre o outro, e sim com o outro.

⁴ “O aprender aparece antes do ensinar por convicção epistemológica de que a aprendizagem precede o ensino tanto cronológica – para ensinar é preciso ter aprendido – quanto epistemologicamente, considerando-se nossa opção pela subversão das crenças hegemônicas a respeito desses processos”. (Alves, Barbosa, 2012, p.61 e 62)

pela interface Universidade/Cidade/Ciberespaço. *Aprendemosensinamos* nos diversos *espaçostempos* da cidade, mediados por uma diversidade de artefatos culturais, pelos usos dos dispositivos móveis e pelo digital em rede.

A opção pela pesquisa-formação encontra-se na compreensão de que estamos implicados com o processo de formação, num cenário sociotécnico dado pela atual fase da cibercultura, no contexto de uma formação inicial dada pela relevância da disciplina Didática na graduação em Pedagogia. Assim:

A pesquisa-formação se situa na corrente de uma metodologia de compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva, que inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista da disciplina de pertença dos pesquisadores, seja do ponto de vista dos campos de operação, seja, enfim do ponto de vista dos objetivos de transformação. (JOSSE, 2010, p. 101)

No âmbito da pesquisa-formação, Josso (2010) destaca como característica metodológica o sentido da experiência, uma experiência existencial dada por um movimento intersubjetivo que pode produzir uma

conscientização, tornando conscientes nossas práticas, dadas por subjetividades constituídas ao longo de nossa vida. Assim, na pesquisa-formação, a intenção é que a intensidade com que se dá a experiência possa gerar uma transformação a partir do ato, mobilizando saberes e *práxis* para um autodesenvolvimento.

Nesse contexto procuramos, por meio da criação de atos de currículo, mobilizar competências que emergissem com o uso das tecnologias digitais em rede, propiciando novas formas de interação social e, sobretudo, de *aprendizagemensino*. Na hodiernidade compreendemos que a aquisição de informação, conhecimento e a aprendizagem se dão de formas distintas das de outros tempos, dadas principalmente pela colaboração, interação e conexão a partir das tecnologias digitais em rede, dispositivos móveis e demais artefatos culturais como formas de criação de conhecimento e cultura.

A mobilização das competências necessárias a esse novo cenário sociotécnico devem permitir que a aprendizagem aconteça ao longo da vida cotidiana, para além da aquisição de um conteúdo estático e sem significado. Para isso, investimos em atos de currículo que pudessem contribuir para que os estudantes fossem capazes de estabelecer conexões entre áreas, informações, conceitos; de manter conexões para uma aprendizagem contínua; de criar e distribuir informação; de usar as tecnologias digitais em rede, dispositivos móveis e demais artefatos culturais.

Imersos nos diversos *espaçostempos* da cidade, criamos as ambiências para a mobilização dessas competências na medida em que pensamos de forma colaborativa, concretamente em situações que, a partir da experiência formadora, fosse possível incorporar

atualizações ao conhecimento já adquirido, ora gerando novos conhecimentos, ora incorporando-os aos conhecimentos já existentes.

O desenho didático⁵ das ambiências de nossa pesquisa-formação e a criação de atos de currículo ocorreram ao longo da pesquisa, num movimento de conhecimento dos praticantes culturais e da relação estabelecida com o grupo. Essas ambiências traduziram-se então em atos de currículo *dentrofora* da universidade, em museus, centros culturais, parques, cafés, sala de aula, corredores da universidade, integradas aos usos de softwares sociais⁶ da mobilidade, como o Facebook e o Twitter, via celular, compreendendo que não é possível separarmos

⁵ Trazemos a noção de desenho didático inspirados na criação de desenhos didáticos em ambientes online, a partir do referencial teórico de Santos e Silva (2009), “como arquitetura que envolve o planejamento, a produção e a operatividade de conteúdos e de situações de aprendizagem, que estruturam processos de construção do conhecimento na sala de aula online.” (SANTOS, SILVA, 2009, p.44)

⁶ Software social é a designação dada às ferramentas que suportam e facilitam a comunicação e interação num contexto social, termo cunhado em 2002 por Clay Shirky, interessado nas implicações sociais da tecnologia na web, que designa como “*software that supports group interaction*” (SHIRKY, 2003, citado por OWEN et al., 06-2006:12)

*práctateoriaprática*⁷ na medida em que ao criarmos os atos de currículo também teorizamos sobre nossas práticas.



Figura 1 - Representação criada pelas autoras a partir da interface praticantes culturais/ universidade/cidade/ ciberespaço

⁷ Também adotamos a expressão *práctateoriaprática* numa perspectiva da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, a partir de Alves (2008), por compreendermos que não é possível separarmos de forma dicotômica prática e teoria.

A imagem acima representa o momento inicial da pesquisa-formação, dada por situações de *aprendizagemensino* que buscaram contemplar o potencial pedagógico, tecnológico e comunicacional dos dispositivos móveis, basicamente do uso do celular, assim como das disposições de interatividade próprias dos usos do digital em rede.

Nosso desenho didático contemplou uma intencionalidade pedagógica que buscou investir em práticas curriculares como obra aberta, hipertextual e interativa, no contexto da mobilidade, compreendida essa como “a capacidade de tratar a informação e o conhecimento na dinâmica do nosso movimento humano na cidade e no ciberespaço simultaneamente” (SANTOS, 2011, p.25).

2.1 A noção de atos de currículo

Ao propor a noção de atos de currículo, Macedo (2011) busca inspiração na noção de ato em Bakhtin (2003) para afirmar que se trata de uma ação concreta, praticada por alguém situado. A noção de ato responsável está diretamente associada ao conteúdo desse ato, vinculado a um pensamento participativo, como explica Macedo (2011):

Ato, em Bakhtin, não se resume, portanto, nem a *akt* (ato puro simples), nem a *tat* (ação), do alemão filosófico. Bakhtin conjuga *akt* ao termo russo *deiatel'nost* para significar ato/atividade. Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, ao qual ele confere sentido a partir do mundo como materialidade concreta. O ato, portanto, postula, cria. (MACEDO, 2011, p. 46)

Nessa perspectiva, compreendemos os atos de currículo criados na interface cidade/universidade/ciberespaço, no CidadeEduca UERJ, como atos situados, onde privilegamos o processo em que se constituíram e a responsabilização de todos envolvidos na criação de uma práxis curricular, a partir da experiência (DEWEY, 2010).

Em nossa pesquisa, trazemos o currículo como obra aberta, a partir da noção cunhada por Macedo (2007) de atos de currículo, em consonância com uma abordagem multirreferencial do currículo, em contraposição a uma concepção monocultural, trazendo múltiplas referências na medida em que o currículo se constrói pelas ações dos praticantes culturais em formação, entendendo os atos de currículo como atos da vida, assim:

A potência *práxica* do conceito de atos de currículo vinculado à formação é, ao mesmo tempo, uma maneira de resolução epistemológica para compreendermos a relação profundamente implicada entre currículo e formação, bem como um modo de empoderar o processo de democratização do currículo, como uma experiência que pode

ser singularizada e como *um bem comum socialmente referenciado*. (MACEDO, 2007, p. 35)

Essa noção de atos de currículo nos fala de um currículo como processo e não como produto, nos dá a dimensão de que as dinâmicas formativas se insti-tuem no fazer cotidiano a partir de nossas relações configurando como “*práxis epistemológico-formativa*” (MACEDO, 2010, p.98), que se realiza por meio da experiência e sua temporalidade.

Ao compreendermos que a formação é um fenômeno experiencial, a partir da criação de atos de currículo, a mediação dessa formação suscita outro tipo de envolvimento do pesquisador, como afirma Macedo (2011):

A mediação da formação implica muito mais em acompanhamento dialógico, em orientação e reorientação dialética, em escuta e em narrativas compartilhadas do que em simples procedimentos exoterodeterminantes, sem que imaginemos, com isso, que a formação configura-se apenas por um não-diretívismo inconsequente. Nestes termos, a formação não se explica, se compreende, porquanto emerge como experiência única de um Ser em aprendizagem. O que se explica são as condições para que a formação possa

emergir na experiência do Ser que aprende, são os modelos propositivos e explicativos a nossa disposição, são seus dispositivos. (MACEDO, 2011, p. 64 - 65)

Não pretendemos a partir dos atos de currículo explicar a formação dos praticantes culturais, mas compreendê-la dentro do contexto da disciplina Didática, na medida em que a disciplina se deu como *locus* de iniciação e de mediação de uma formação docente, além dos muros da escola/universidade, numa relação híbrida com todos os *espaçostempos* que nos cercam: museus, parques, cafés, livrarias, bibliotecas, shoppings, centros culturais, clubes, redimensionados pela possibilidade de conjugação desses *espaçostempos* com o ciberespaço, criando espaços intersticiais (Santaella, 2009).

A interface cidade/espaço/universidade se deu em diferentes *espaçostempos* articulando a agenda cultural da cidade, as demandas dos estudantes e o currículo da disciplina Didática. Ao longo de nossa pesquisa-formação criamos atos de currículo ao visitar o Centro Cultural Banco do Brasil; o espaço Oi Futuro no Flamengo; a Galeria de Artes Portinari, na

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; o Projeto Humanidades, no Forte de Copacabana, e todos os espaços físicos explorados na própria Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nessas imersões pela cidade sempre buscamos articular os espaços físicos aos espaços digitais, criando práticas pedagógicas nas bordas de ambos os espaços, nos espaços intersticiais.

Assim, trazemos uma de nossas experiências no âmbito da interface cidade/universidade/ciberespaço, a visita ao Centro Cultural Banco do Brasil, durante a exposição Percurso Afetivo, de Tarsila do Amaral.

2.1.2 A interface cidade/universidade/ ciberespaço: Um Percurso Afetivo

A criação de um dos atos de currículo dentro do contexto da pesquisa-formação realizada com o grupo de estudantes de Didática, do curso de Pedagogia na UERJ, foi a visita à exposição Percurso Afetivo, de

Tarsila do Amaral, no CCBB⁸ que contava com um áudio guia⁹, disponibilizado via repositório, podendo ser baixado no celular. A escolha por essa exposição foi intencional, de forma que pudéssemos ter uma aproximação dos usos dos dispositivos móveis na interface da universidade/cidade/ciberespaço.

Quando chegamos ao CCBB conversamos sobre a utilização do áudio-guia e tentamos baixá-lo em nossos celulares. Os aparelhos celulares disponíveis eram diferentes, alguns com conexão 3G e outros apenas com a possibilidade de conexão *wi-fi*. Tivemos muita dificuldade em baixar o áudio para os celulares sem conexão 3G. Conseguimos baixar somente em iphone e em tablet da Samsung. Revezamos a utilização dos aparelhos com o objetivo de que todas

pudessem experimentar a visitação com e sem o uso do áudio.

Compartilhamos na página do CidadeEduca¹⁰ as imagens feitas durante a exposição e o link para o áudio-guia¹¹, buscando interconexões entre as obras expostas, tendo a cultura visual como nosso universo de referência. Tentamos por meio do CidadeEduca UERJ prolongar essa experiência estética, dotada de sentidos, mediada por outros artefatos culturais, mas sobretudo pelo potencial comunicacional do Facebook. O ambiente do CidadeEduca UERJ no Facebook foi criado com a intenção de ser mais um *espaçotempo* formativo para todos nós no qual criamos laços sociais que emergiram das interações e relações aí estabelecidas. Nesse sentido, o ambiente do CidadeEduca UERJ no Facebook se deu como uma potência que emerge dentro do contexto da mobilidade pois, com a possibilidade de usar o Facebook no celular, o tempo de conexão à rede social é permanente, sendo utilizado por nós como forma de ampliar o *espaçotempo* da sala de aula para além do tempo instituído.

⁸ Disponível em <http://www.bb.com.br/portallbb/page511,128,10154,1,0,1,1.bb?codigoEvento=4503>

⁹ Áudio-guia é um sistema de locução utilizado para visitas guiadas, principalmente de museus e monumentos históricos, permitindo ao visitante a livre caminhada pelos ambientes, detendo-se na obra de seu interesse e obter as informações disponíveis. No caso da exposição Percurso Afetivo, o áudio-guia foi disponibilizado em uma plataforma online de publicação de áudio, permitindo aos visitantes que, por meio do celular, conectado à internet, entrassem em contato com as informações sobre as obras expostas.

¹⁰ Disponível em <http://www.facebook.com/cidadeeduca.uerj>.

¹¹ Disponível em http://soundcloud.com/ccbb_rj#play

ARTIGOS

edméa santos
&
aline weber

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

Trazemos a narrativa da aluna Lívia, no ambiente do CidadeEduca UERJ, sobre a atividade realizada no CCBB:

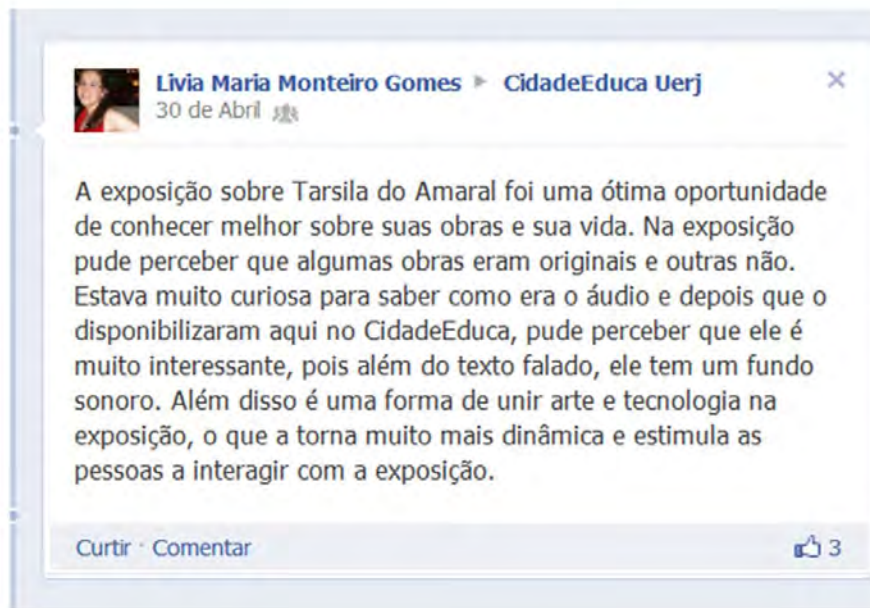


Figura 2 - Narrativa de Lívia no ambiente do CidadeEduca UERJ

A narrativa de Lívia é importante ao introduzir no âmbito da nossa pesquisa-formação a ideia de que a tecnologia utilizada a partir do áudio-guia tornou a visita à exposição mais dinâmica, estimulando uma maior interação do público. Na prática, o que observamos em relação à utilização do áudio-guia foi a possibilidade de nos aproximarmos das obras a partir das narrativas apresentadas, podendo ouvi-las repetidas vezes por meio de um aparelho celular.

Observamos a transformação do espaço do CCBB a partir da presença física do celular em nossas mãos, o movimento dos corpos por pontos de conexão, tentando fazer coincidir obra e áudio, no sentido de que “toda nova tecnologia cria gradualmente um ambiente humano inteiramente novo. Ambientes não são vestimentas passivas, mas processos ativos” (SANTAELLA, 2007, p. 204).

Temos a reconfiguração de *espaçotempos* a partir de mediações tecnológicas, como a experimentada pelo uso do celular, fazendo convergir ciberespaço/cidade/universidade, por essa razão compreendemos que o celular não é uma extensão de nossa capacidade física e/ou intelectual, uma vez que extensão e mediação não são a mesma coisa, pois como afirma Santaella (2007, p. 207-208):

Para sermos fiéis ao sentido de mediação, devem estar nele implicados a afecção, a percepção e a cognição mediada do mundo da linguagem, pelos signos. O conceito de mediação não deve ser simploriamente entendido como meio de comunicação e nem mesmo como ambiente cultural e social que os meios criam. Mediação é, sobretudo, um conceito epistemológico que envolve

a grandeza humana que é também a nossa tragédia, de só ter acesso ao mundo físico, afetivo, sensorio, perceptivo, cognitivo pela mediação dos signos. Cada tipo de signo apresenta, indica ou representa aquilo que chamamos de realidade de acordo com seus potenciais e limites. [...] Enfim, os signos se multiplicam porque o real é inexaurível.

O celular é um instrumento mediador, introduz e faz circular signos. Por meio de sua mediação tecnológica vivenciamos uma experiência ubíqua que nos permitiu viver a coincidência entre deslocamento e comunicação. O uso do celular em nossa pesquisa-formação foi compreendido como um componente ativo nos processos sociais e de aprendizagem que buscou investigar que atos de currículo e práticas pedagógicas puderam ser criadas com os alunos da disciplina de Didática, da licenciatura de Pedagogia na UERJ, fazendo dialogar os *espaçotempos* da cidade por meio das tecnologias digitais em rede, via dispositivos móveis.

A abordagem multirreferencial, para a pesquisa-formação, no contexto da formação universitária, cria condições para a articulação de diferentes saberes, num

ARTIGOS
edméa santos
&
aline weber

teccogs
n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

processo que valoriza os princípios da colaboração, interatividade, criação de atos de currículo, fazendo com que os estudantes criem conhecimento ao mesmo tempo em que constroem sua identidade e atuam na sociedade de modo ativo. Nesse cenário sociotécnico, compreendemos que a disciplina Didática prescinde de uma análise crítica sobre os desafios postos à

docência pelos usos do celular, muito mais num movimento que narra novas possibilidades do que a definição de regras para esses usos.

É nessa perspectiva que trazemos a discussão abaixo, anunciando o celular como uma “tendência” na sala de aula:



Figura 3 - Ambiente do CidadeEduca UERJ

Mais que uma tendência em sala de aula, consideramos o celular como o artefato cultural que faz convergir, por meio da comunicação móvel, os pontos de encontro entre os espaços físicos e os espaços digitais, dando origem aos “espaços intersticiais”, “como uma metáfora capaz de caracterizar as múltiplas faces das mudanças mais recentes no mundo da comunicação e da cultura” (SANTAELLA, 2010, p. 122).

A discussão do uso do celular em sala de aula nos remete ao fomento de criação de novos atos de currículo, no entrecruzamento das dimensões técnica, política, econômica, social e cultural que permeiam nosso cotidiano, entendendo que as discussões no CidadeEduca UERJ também se constituíram como atos de currículo, como as narrativas abaixo:

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. (Santaella, 2009, p.22)

Achei interessante a questão dos espaços intersticiais criados pela mobilidade nos possibilitando estar conectados a todo

momento com a portabilidade. Assim, não há diferenciação entre espaço físico e digital. Este trecho resume os debates que estamos desenvolvendo ao longo do nosso curso.

[...] um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa ‘sair’ do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. (SANTAELLA, 2008, p. 21).

De acordo com o trecho acima esses espaços são assim denominados por romperem as fronteiras entre o físico e o virtual criando assim um espaço próprio que não pertence propriamente nem a um nem a outro:

- Aline, acredito que essa experiência que temos de poder usar esse espaço virtual só contribui para nossa formação. Como você mesma comentou ali em cima: “o virtual atualiza o real, o virtual existe em potência”. Sendo assim, ao vivenciarmos essas práticas fora de sala de aula (ou dentro também), contribui para não nos tornarmos profissionais alienados em relação ao uso das TICs. Levando esse aprendizado para dentro de sala de aula, com nossos alunos, podemos nos aproximar cada vez mais da realidade deles e fazer com que as aulas possam fluir com maior interesse de todos.

Como vocês acham que a mobilidade influencia nisso?

Acredito que a mobilidade nos permite estar em lugares diversos, portanto o “sair” do espaço físico e o entrar nos ambientes digitais nos permite estar conectados em muitos outros lugares.

- Rafaela, com os usos dos dispositivos móveis e o digital em rede, não saímos dos espaços físicos para entrarmos nos espaços digitais, estamos na verdade numa hibridação desses espaços, o que Santaella vai chamar de espaços intersticiais.

Me expressei mal. Agora entendo que as paredes dos espaços físicos não nos impedem de estarmos conectados.

O uso do celular em nossa pesquisa-formação foi compreendido como um componente ativo nos processos sociais e de aprendizagem que buscou investigar que atos de currículo e práticas pedagógicas puderam ser criadas com os alunos da disciplina de Didática, da licenciatura de Pedagogia na UERJ, fazendo dialogar os *espaçostempos* da cidade por meio das tecnologias digitais em rede, via dispositivos móveis. Nesse sentido, toda a nossa *práxis* curricular esteve implicada com o uso do celular,

convergindo para o que Santaella (2011) denomina de aprendizagem ubíqua, aquela disponível a qualquer momento, não restrita apenas ao universo da educação guttenberguiana.

Entendemos que há uma co-evolução entre homem e agenciamentos informáticos que continua e continuará em expansão, dada em grande parte pela emergência dos dispositivos móveis e do digital em rede, pelos espaços intersticiais, fazendo com que a relação homem-celular contribua cada vez mais para a constituição de processos de *ensinoaprendizagem* baseados na colaboração e na criação do conhecimento em rede.

Conclusão

A experiência com o digital em rede e o uso do celular procurou instrumentalizar os estudantes, em formação inicial, para um contexto de formação que não pode ignorar nos usos do digital em rede na

escola como parte de um planejamento adequado à gestão pedagógica da sala de aula, considerando que o processo educativo nas escolas de educação básica não se limita ao ensino de conteúdos, habilidades e competências, abrange igualmente a relação que crianças e jovens estabelecem com os artefatos culturais de seu tempo.

A utilização do telefone celular para a criação de atos de currículo na interface cidade/universidade/ciberespaço aponta para o desenvolvimento com o grupo de estudantes de competências que emergem com os usos das tecnologias digitais em rede, propiciando novas formas de interação social e, sobretudo, de *aprendizagemensino*. No contexto contemporâneo observamos que a aquisição de informação, conhecimento, e a *aprendizagemensino* se dão de formas distintas das de outros tempos, dadas principalmente pela colaboração, interação e conexão.

No que diz respeito à formação dos estudantes de Didática, temos que o uso do celular na interface cidade/universidade/ciberespaço permitiu o

desenvolvimento de habilidades e competências mais flexíveis para a gestão do conhecimento, uma vez que o uso do dispositivo móvel permite que o estudante direcione sua aprendizagem, buscando aquilo que é pertinente ao contexto ou à situação, no momento mais oportuno.

A experiência com o celular nos remete também a práticas pedagógicas em que o saber fazer balizado pela exigência de certas habilidades cria uma maior autonomia nos estudantes, colocando-os como protagonistas desse processo. Ao longo das atividades realizadas, observamos a mudança de relação dos alunos com o telefone celular, ampliando uma noção inicial de instrumento de comunicação para um instrumento de criação de comunicação e cultura, que afeta de modo significativo os *espaçostempos* em que vivemos, principalmente pela possibilidade de habitarmos os espaços digitais sem nos deslocarmos dos espaços físicos.

Destacamos então que a proliferação de artefatos culturais e do digital em rede favorece a aprendizagem em comunidade, colaborativa, dada hoje pelo

ARTIGOS

edméa santos
&
aline weber

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

princípio da comunicação e colaboração redesenhando uma configuração social e cultural, redimensionando espaço e tempo por meio da vivência na cibercultura, de tal forma que:

O processo de *aprendizagem* móvel é fundamentalmente social, ou seja, envolve contato e comunicação, na medida em que os estudantes podem ter acesso imediato e permanente à informação, deslocando do professor a figura de principal provedor da informação. O potencial da aprendizagem móvel não está no ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las, contribuindo para uma inteligência coletiva. (WEBER, 2012, A. A. p. 210)

Assim, a criação de práticas pedagógicas baseadas em aprendizagem móvel, na perspectiva da mobilidade, conectividade e ubiquidade, dentro do contexto da disciplina Didática, no curso de pedagogia da UERJ, revela a potencialidade para a educação dos dispositivos móveis e do digital em rede. Tal potência é vista não como forma de substituição da aprendizagem formal, mas como compreensão da prática pedagógica articulada a uma prática social, datada e situada como uma produção histórica e cultural.

REFERÊNCIAS

ARTIGOS

edméa santos
&
aline weber

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. **Experiências de vida e formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

MACEDO, R. S. **Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação inter-crítica**. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. **Atos de currículo formação em ato? Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.

_____. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

_____. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2010

ARTIGOS

edméa santos
&
aline weber

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

_____. *A aprendizagem ubíqua substitui a aprendizagem formal?* **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, São Paulo, v.2, n.1, 2010. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852>

_____. **Educação tradicional e educação ubíqua**. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=gvhAmHXtESE&playnext=1&list=PLA066F5F0D1056BEB&feature=results_main

SANTOS, E. *Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância*. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.11, n. 17, p.113-122, jan.-jun., 2002.

_____. **Educação online: cibercultura e pesquisa formação na prática docente**. Tese de Doutorado. Salvador: FAGED – UFBA, 2005. Orientador Prof. Dr. Roberto S. Macedo.

_____. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, H. A. da; SILVA, M. **Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro, ANPEd Nacional, 2011. Disponível em <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>

SANTOS, E. WEBER, A. A. **Articulação de saberes no currículo escolar**. In: SANTOS, E. **Currículo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

WEBER, A. A. **Educação e Cibercultura: narrativas de mobilidade ubíqua**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Orientadora Prof^a Dr^a Edméa O. Santos.